

A DOCUMENTAÇÃO COMO UMA DAS ORIGENS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E BASE FÉRTIL PARA SUA FUNDAMENTAÇÃO

Cristina Dotta Ortega

Professora Escola de Ciência da Informação (ECI)
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Brasil

RESUMO

Objetiva explorar os princípios documentários como equivalentes às questões nucleares propostas para a Ciência da Informação, como modo de realizar o debate sobre seus fundamentos. O trabalho se justifica por considerar que a percepção sobre a crise de identidade em Ciência da Informação pauta-se em literatura fortemente marcada por eixos específicos, os quais deflagram visões parciais incapazes de constituírem partes articuladas de um todo. Como metodologia, realiza revisão de literatura e discussão sobre a história da Ciência da Informação, considerando-a anterior ao surgimento desta denominação, e trata de sua disciplinaridade, apresentando construções interdisciplinares significativamente consolidadas e problematizando a questão das denominações para a área. O estudo permite constatar que a celeuma que envolve a questão da identidade da Ciência da Informação não se manifesta de forma relevante na literatura e nas práticas profissionais pautadas na Documentação, a qual tem apresentado, simultaneamente, foco e densidade no decorrer do tempo. A história da Documentação permite questionar os discursos sobre a ausência de consensos em Ciência da Informação e sobre a frágil nuclearidade decorrente de sua dimensão técnica e da suposta fluidez intrínseca aos seus limites e áreas fronteiriças. Conclui que os princípios documentários configuram-se como parte basilar dos fundamentos da Ciência da Informação e são emblemáticos de sua unidade identitária.

Palavras-Chave: História da Documentação; História da Ciência da Informação; Epistemologia da Ciência da Informação; Biblioteconomia e Documentação.

INTRODUÇÃO

Partimos da premissa de que a Ciência da Informação atua intervindo na produção e uso do conhecimento por meio da construção e gestão de sistemas documentários. A configuração Biblioteconomia – Arquivística – Museologia mostra-se, neste contexto, abordagem produtiva sobre Ciência da Informação, cujas operações de representação, armazenamento, recuperação, acesso e promoção do

uso referem-se – respectivamente – a informação do tipo bibliográfica, arquivística e museológica.

O termo Biblioteconomia é utilizado, de modo restritivo, para indicar a atividade de gestão e custódia de acervos de bibliotecas. A Documentação, por sua vez, consolidou-se como o conjunto de técnicas (e seus fundamentos) de representação de conteúdos de documentos, em suas diversas tipologias e em qualquer suporte, visando recuperação, acesso e uso destes conteúdos. A expressão Biblioteconomia e Documentação passou a ser adotada no sentido de reunião, de modo articulado, das características básicas de cada uma delas, embora a segunda, por definição, englobe a primeiraⁱ.

A fundação e consolidação da Documentação, observável na literatura e nas práticas documentárias, indica a existência de objeto construído histórica e conceitualmente. Sua obra fundamental é o Tratado de Documentação, de 1934, do belga Paul Otlet (OTLET, 1934). Esta obra pode ser entendida como inauguradora da abordagem tríade ancorada nas atividades de organização e recuperação da informação bibliográfica, arquivística e museológicaⁱⁱ. A despeito de a Documentação ter se desenvolvido como o conjunto de técnicas para o trato da informação bibliográfica técnico-científica, apresenta-se hoje pela retomada da tríade citada.

O artigo objetiva explorar os princípios documentários como equivalentes às questões nucleares propostas para a Ciência da Informação, como modo de realizar o debate sobre seus fundamentos.

O trabalho se justifica por considerar que a percepção sobre a crise de identidade em Ciência da Informação pauta-se em literatura fortemente marcada por eixos específicos, os quais deflagram visões parciais incapazes de constituírem partes articuladas de um todo. Reforça a ideia da relatividade desta crise a constatação da realização contínua de práticas profissionais personalizadas, relevantes e de qualidade.

Como metodologia, realiza revisão de literatura e discussão sobre a história da Ciência da Informação, considerando-a anterior ao surgimento desta denominação, e trata de sua disciplinaridade, apresentando construções interdisciplinares significativamente consolidadas e problematizando a questão das denominações para a área. Em função da origem do tema tratado, e da competência

idiomática para leitura dos textos, a literatura adotada é aquela produzida na França, Espanha e Portugal sob o aporte da Documentação, além de obras em idioma inglês e em português (produzidas no Brasil) voltadas ao tema. O recorte centrado na produção europeia é considerado válido, uma vez que esta literatura reconhece aquela de origem estadunidense – a qual exerce predominância na área – mas o inverso não é verdadeiro.

2 A CONCEPÇÃO OTLETIANA FUNDADORA DA DOCUMENTAÇÃO

A Documentação tem no conceito otletiano sua concepção primeira, tendo-se desenvolvido epistemologicamente a partir deste referencial.

Os advogados Paul Otlet (1868-1944) e Henri La Fontaine (1854-1943) foram os mentores do Instituto Internacional de Bibliografia (IIB)ⁱⁱⁱ, criado em 1895 na Bélgica, e do Repertório Bibliográfico Universal (RBU), cujo projeto foi proposto no mesmo ano e chegou a ter 16 milhões de fichas em 1934. O sonho de Otlet era o de oferecer um índice de assuntos por meio do RBU que permitiria ir (por assunto) ao coração do conhecimento (FAYET-SCRIBE, 2001, p.47; 49). Este sonho relacionava-se à ideia de que o acesso ao conhecimento por todos os povos levaria a uma maior compreensão da concepção de alteridade, no sentido do conhecimento das diferenças, o que possibilitaria a paz mundial.

Segundo Fayet-Scribe (2001, p.77), para a elaboração do RBU foram definidas normas para registros bibliográficos, registros catalográficos internacionais, formatos dos documentos (em particular, a ficha) e empregados tipos específicos de mobiliário. As normas catalográficas redigidas por Charles Sustrac e o formato da ficha de 7,5 por 12 cm foram inspirados nas normas anglo-saxãs. A Classificação Decimal de Dewey (CDD), publicada em 1876 nos Estados Unidos, foi utilizada inicialmente em sua 5ª edição (de 1894) para o trabalho de classificação dos documentos do RBU. A classificação decimal foi editada pela primeira vez em francês em 1905, mais tarde sendo revista e conduzindo a um novo instrumento documentário, a Classificação Decimal Universal (CDU), que é extensamente utilizada na Europa até os dias de hoje.

Otlet adotou a palavra documentação inicialmente, em 1903, em artigo

intitulado *Les sciences bibliographiques et la documentation*, no sentido do processo de fornecimento de documentos ou referências dos mesmos àqueles que precisam da informação que eles contêm. Este autor refere-se a um corpo de conhecimento denominado ciências bibliográficas definido como: produção, fabricação de material, distribuição, registro, estatística, conservação e utilização, por esta razão incluindo compilação, impressão, publicação, venda, bibliografia e biblioteconomia. Otlet considerou como documentos não somente livros e manuscritos, mas também arquivos, mapas, esquemas, ideogramas, diagramas, desenhos e reproduções dos mesmos, fotografias de objetos reais, entre outros (OTLET, 1903 *apud* WOLEDGE, 1983, p.270-271). Para Fayet-Scribe (2001, p.47; 49; 50), este texto pode ser considerado o fundador da obra de Otlet. Segundo esta autora, a biblioteca deixa de ser apenas uma instituição conservadora de livros e estes não são mais os únicos em torno dos quais poderiam ser identificados conhecimentos: a ideia de documento é criada, importando sua função menos que sua morfologia.

Mais à frente, designando a atividade específica de coletar, processar, buscar e disseminar documentos, Otlet usou o termo documentação, em 1905, no artigo *L'organisation rationnelle de l'information et de la documentation en matière économique* (OTLET, 1905 *apud* CHERNYI; GILYAREVSKII; MIKHAILOV, 1973, p.46). Observamos aí provavelmente o primeiro uso das palavras informação e documentação.

Entre 1905 e 1917, Otlet foi abandonando a palavra bibliografia em suas publicações em proveito das palavras documentação e informação, ainda que muitas vezes empregue uma pela outra. No Tratado de Documentação, ele fez uso da palavra Documentologia para designar o campo do conhecimento que propõe ultrapassando as palavras bibliografia, bibliologia e documentação (FAYET-SCRIBE, 2001, p.52).

Também no Tratado, em seu início, consta a bandeira (ainda atual) da Documentação como a da necessidade de tornar acessível a quantidade de informação publicada, produzindo “[...] um todo homogêneo destas massas incoerentes [...]”, para o que seriam necessários novos procedimentos, distintos da Biblioteconomia, conforme eram aplicados até aquele momento (OTLET, 1996, p.6).

Três anos mais tarde, apresentando visão sistêmica desenvolvida pelos teóricos seguintes por meio da noção de fluxo documentário, Otlet descreve a Documentação como sendo constituída por uma série de operações distribuídas, hoje, entre pessoas e organismos diferentes. O autor, o copista, o impressor, o editor, o livreiro, o bibliotecário, o documentador, o bibliógrafo, o crítico, o analista, o compilador, o leitor, o pesquisador, o trabalhador intelectual. A Documentação acompanha o documento desde o instante em que ele surge da pena do autor até o momento em que impressiona o cérebro do leitor (OTLET, 1937).

No decorrer do tempo, muitas definições de Documentação surgiram. Wolegde (1983, p.270) ressalta uma que considera clara e não ambígua, e semelhante àquela proposta por Otlet em 1903. Esta definição foi apresentada no periódico *Journal of Documentation* em sua primeira edição, em 1945, por seu editor, Theodore Besterman:

Qualquer coisa em que conhecimento é registrado é um documento, e documentação é todo processo que serve para tornar um documento disponível para alguém que busca conhecimento. Biblioteconomia e organização de serviços de informação, bibliografia e catalogação, resumo e indexação, classificação e arquivamento, métodos fotográficos e mecânicos de reprodução; todos eles e muitos outros são canais de documentação que guiam o conhecimento até quem o solicita.

3 A CONSOLIDAÇÃO DA DOCUMENTAÇÃO NA EUROPA

Na continuidade da perspectiva informacional proposta por Otlet, aqueles que nela atuaram viram-se obrigados a buscar possibilidades de interpretação para suas exposições reiteradas, difusas e prepotentes e para sua produção dita científica – como podemos observar no Tratado – realizada de forma detalhista, descritiva e enciclopédica, menos que argumentativa, conforme relata Rayward (ARNAU RIVED; SAGREDO FERNÁNDEZ, 1993, p.112).

Talvez por estes motivos, o percurso de desenvolvimento da Documentação contou, simultaneamente, com contestadores e adeptos fervorosos. Em especial após a morte de Otlet, seus continuadores foram instados a compreender o momento político e cultural que caracterizou o início do século na Europa. Estudos

sobre Documentação foram desenvolvidos por vários autores como Bradford (1951), Vickery (1959), Shera (1966), Sagredo Fernández e Izquierdo Arroyo (1983), entre outros. Ressaltamos ainda as pesquisas realizadas pelo grupo francês das Ciências da Informação e da Comunicação e pelo espanhol López Yepes, que tratamos à frente.

Quanto às obras básicas sobre o tema, o livro de Suzanne Briet *Qu'est-ce que la documentation?*, de 1951, foi traduzido para o espanhol em 1960, e apenas em 2006 para o inglês (BRIET, 1951, 1960, 2006). André Cannone, na Bélgica, produziu uma edição fac-similar do Tratado de Documentação em 1989 e buscou retomar os trabalhos de Otlet (OTLET, 1989). O Tratado recebeu versão espanhola em 1996 (OTLET, 1996), mas não possui versão em inglês. Apenas bem recentemente, estas duas obras foram disponibilizados em texto integral na Internet.

Rayward (1967, 1975) tem publicado em idioma inglês sobre a obra de Otlet, buscando identificar os possíveis significados deste tema nos contextos atuais. Michael Buckland, ao lado de Rayward, é um dos responsáveis pela divulgação da Documentação neste idioma no contexto de seus estudos históricos sobre Ciência da Informação. Apesar da extensa e antiga produção de literatura sobre Documentação na Europa, as contribuições de Rayward e Buckland têm demonstrado grande potencial de difusão e influência. O aniversário de 100 anos da criação da FID foi um dos fatores que promoveu a divulgação das origens da Documentação.

Segundo Buckland (1996), os fundamentos e técnicas propostos por Otlet e sedimentados especialmente do final do Século XIX aos anos 1930 receberam várias contribuições no seio da Europa até os dias atuais, mas muitas delas foram perdidas na devastação deste continente durante a Segunda Guerra Mundial. Apenas nos anos 1950 a Documentação surgiu com força nos Estados Unidos, dividindo espaço com a Biblioteconomia Especializada, e rapidamente sendo recolocada pela Ciência da Informação. Para Estivals (1978, p.30 *apud* LÓPEZ YEPES, 1995, p.77), a obra de Otlet foi esquecida entre 1940 e 1965, década em que foi significativamente retomada na Europa.

Desse modo, encontramos na França, Espanha e Portugal, a referência incontestada sobre a continuidade teórica e prática dos princípios propostos por Otlet,

em especial no tema da organização da informação e de aportes linguísticos e tecnológicos a este processo. Nestes países, a Documentação compõe a pesquisa, a formação e as práticas profissionais relacionadas. Tratamos a seguir das origens do termo nestes países.

3.1 França

Se o berço da Documentação é a Bélgica, sua normalização e organização deu-se efetivamente na França, no período de 1895 a 1937, como relata Fayet-Scribe (2001). Considerando o final do Século XIX como um período de crescimento de produção de documentos, os métodos e instrumentos que permitiam recuperar a informação dos mesmos mostraram-se limitados. Para responder à necessidade de organizar, no nível coletivo, o conjunto de instrumentos de acesso à informação é que a Documentação se desenvolveu como um novo domínio de atividade. Segundo Fayet-Scribe, Otlet e o general Hippolyte Sebert (1839-1930), um dos fundadores do IIB e atuante do mesmo na França, desempenharam um papel importante na consolidação do setor da Documentação. A autora trata também da relação entre leitura pública e informação técnica e científica que, segundo entendemos, é fenômeno tão pouco enfrentado quanto emblemático para a compreensão da Ciência da Informação.

A história da Documentação conta, entre outras documentalistas francesas, com Suzanne Briet (1894-1989), funcionária da Biblioteca Nacional da França, discípula e continuadora de Otlet e autora de uma das obras clássicas da área, como citamos. Para ela, Otlet foi o líder internacional da Documentação, pois outros teriam sido menos ambiciosos, ou mais prudentes (BRIET, 1951, p.9). Segundo os tradutores de sua obra para o inglês, Briet aborda a ciência e a cultura no contexto do desenvolvimento global do pós-guerra, entre a utopia de Otlet e a teoria da informação e a cibernética dos Estados Unidos. Afirmam que ela realiza caracterização de signo documentário em contextos institucionais e culturais que ainda é um desafio frente às abordagens quantitativas simples e positivistas daquele país (BRIET, 2006, p.v-ix). Buckland (1995) nomeia Briet como *Madame Documentation*, considerando-a pioneira da Ciência da Informação.

Para Briet, os termos *special librarian*, *library* e *bibliography* apresentavam outras acepções na França, onde os neologismos *documentaliste*, *centre de documentation* e *documentographie* foram considerados necessários para o momento por corresponderem a um estado, se não mais evoluído, ao menos doutrinariamente mais elaborado (BRIET, 1951, p.40). Contudo, em viagem que realizou aos Estados Unidos, entre 1951 e 1952, Briet declarou que, dado o vigor do desenvolvimento dos serviços das bibliotecas especializadas neste país, os mesmos representariam os centros de documentação franceses, só que com outro nome. O secretário-geral da FID Donker Duyvis também realizou viagem aos Estados Unidos em 1946 e fez afirmação semelhante quanto ao evidente 'espírito documentário' de bibliotecários e arquivistas deste país (MEYRIAT, 1993, p.195). Para Duyvis, houve uma divisão entre bibliotecários e documentalistas na França, enquanto nos Estados Unidos, os bibliotecários passaram a exercer as funções da biblioteca pública e as da especializada.

De fato, o auge e o fim da Documentação, tal como proposto por Otlet e por diversos documentalistas da Europa, deu-se em 1937 durante o Congresso Mundial de Documentação Universal, realizado em Paris, na Exposição Internacional de Artes e Técnicas, como relata Fayet-Scribe (2001, p.202-207). O Congresso conduziu à constatação de que a Documentação atingiu a maturidade em seus 40 anos em diversos aspectos como: padronização de sistemas de classificação, normalização da catalogação e da bibliografia, produção de instrumentos com as fontes do trabalho intelectual (anuários, repertórios, guias bibliográficos etc.), elaboração de terminologia da Documentação, adoção de novos suportes (como o microfilme) e reconhecimento de diversos tipos de informação especializada (como a cartográfica, a metereológica e a administrativa). O RBU, ainda que considerado uma excelente ideia, foi abandonado por representar um trabalho gigantesco e pouco realizável.

Segundo Fayet-Scribe, este evento e a própria Documentação caíram no esquecimento pois a proximidade da Segunda Guerra Mundial deflagrou um momento pouco propício para as utopias pacifistas em que se pautava a cooperação internacional necessária à elaboração de instrumentos de acesso ao conhecimento registrado. Ainda assim, o Congresso colocou em evidência a visão otletiana de uma

economia intelectual em um espaço informacional internacional e significou o ato de nascimento da informação científica na sociedade.

Apenas por volta dos anos 1960, nova configuração científica se consolidou na França, como relata Couzinet (2004, p.22-23). Neste período, pesquisadores preocupados com leitura, documentação, história do livro, mídias e cultura apresentavam dificuldade em encontrar reconhecimento em suas próprias disciplinas. Dessa forma, Robert Escarpit, Jean Meyriat e Roland Barthes, entre outros, formaram o Comitê de Ciências da Informação e da Comunicação. Em 1975 o Comitê organizou sua primeira conferência sobre o tema das relações entre Ciências da Informação e Ciências da Comunicação e, em 1977, formou-se o Inforcom: Sociedade Francesa das Ciências da Informação e da Comunicação, a partir do qual, grupos de pesquisa e formações universitárias se constituíram.

Segundo Couzinet (2004, p.25), as Ciências da Informação na França são uma vertente das Ciências Humanas e Sociais, cujo foco está centrado na construção e compartilhamento de conhecimentos em contextos sociais e culturais variados, contudo voltado para objetos que têm permanência no tempo e, como decorrência, para as operações que realizem sua análise, produção e acessibilidade. Em função de sua origem, esta vertente inclui o estudo das mídias (jornais, rádio, televisão) e de estudos culturais (alguns aspectos relativos ao cinema, ao teatro, aos museus e à indústria cultural). Quanto ao termo Documentação, refere-se a um conjunto de métodos e técnicas; para abordar seus aspectos científicos e para fazer a diferenciação de outros aspectos das Ciências da Informação citados anteriormente, utiliza-se às vezes a expressão 'Ciências da Informação-Documentação'.

Couzinet, Régimbeau e Courbières (2001) afirmam que Buckland, Ray e outros pesquisadores de Ciência da Informação dos Estados Unidos conhecem os pioneiros europeus como Briet e Otlet, mas ignoram os trabalhos dos pesquisadores das Ciências da Informação e da Comunicação. Concordamos com Couzinet e colegas, uma vez considerarmos a produção deste grupo a principal referência em Documentação, além daquela de suas origens, e relevante contribuição à Ciência da Informação. Se apenas recentemente a concepção otletiana tem sido disseminada em idioma inglês, o trabalho destes pesquisadores franceses é pouco conhecido

fora da Europa.

3.2 Espanha

A introdução e o desenvolvimento do conceito de Documentação na Espanha demonstram o papel significativo e particular que este país deflagra na história da Documentação, só comparado à França, cuja produção é sua referência básica.

Segundo López Yepes (1995, p.256-258; 260; 262), o discurso *Misión del bibliotecario* lido por Ortega y Gasset na abertura do II Congresso de Bibliotecas e Bibliografia, em Madri, em 1935, apresentou um panorama de problemas gerais que se relacionavam com o movimento documentário otletiano, embora as palavras *documentación* e *documentalista* não aparecessem. Acredita ser possível que Ortega y Gasset tenha se influenciado pela obra de Otlet, publicada no ano anterior, e por seu colaborador Javier Lasso de la Vega que se iniciava no tema. López Yepes afirma que Lasso de la Vega é o espanhol que mais escreveu sobre o conceito de Documentação em obras publicadas entre 1947 e 1980, além de ter atuado na Espanha na implantação da CDU, na propagação do conceito de Documentação e na sua aplicação em campos do saber como o Direito. Consta na literatura, de modo recorrente, que a produção espanhola sobre o tema foi iniciada por Lasso de la Vega.

Contudo, produção científica e cursos deram-se efetivamente na Espanha a partir dos anos 1970. É provável que uma das primeiras e mais abrangentes obras histórico-conceituais – por explorar as diversas correntes teóricas da área – seja o livro *Teoría de la Documentación*, publicado por López Yepes em 1978 e atualizado em 1995, com o título *La Documentación como disciplina: teoría e historia* (LÓPEZ YEPES, 1978; 1995). Assim como Lasso de la Vega, López Yepes entende os processos de documentação como condição necessária para a atividade científica e para o desenvolvimento da ciência.

A obra de López Yepes é identificada como aquela através da qual os professores (oriundos de outras áreas como Letras e Filosofia) das incipientes escolas espanholas de Biblioteconomia e Documentação conheceram e aprenderam

o objeto e os limites internos e externos da disciplina (LÓPEZ-CÓZAR, 2002, p.131). Observamos que, tanto Otlet quanto López Yepes são autores amplamente adotados na literatura produzida na Espanha, deflagrando o que podemos chamar de abordagem espanhola sobre a Documentação.

Ainda que o termo *Documentación* seja o mais amplamente utilizado e reconhecido para denominar a pesquisa, o ensino e a prática profissional, a expressão *Ciencias de la Documentación* é usada desde os anos 1970 (LÓPEZ YEPES, 1978) e início dos anos 1980 (CURRÁS, 1982) no sentido do conjunto das disciplinas documentárias que estudam e executam os diversos aspectos do processo documentário (LÓPEZ YEPES, 1995, p.321). Já o termo *Ciencias de la Información* é adotado neste país enquanto grande área composta pela Documentação e pelas disciplinas da Comunicação (como Jornalismo e Publicidade), supostamente por influência do movimento francês descrito anteriormente.

3.3 Portugal

Cursos de formação ocorreram de modo semelhante na França, Espanha e Portugal, inicialmente centrados no trabalho de conservação e arranjo em bibliotecas e arquivos.

Segundo Ribeiro (2005, p.19), o Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista, em Portugal, formou profissionais desde 1887 para o trabalho em bibliotecas e arquivos (predominantemente públicos) sob abordagem técnica e patrimonialista. Em 1982, o curso foi extinto e substituído pelo Curso de Especialização em Ciências Documentais, cuja palavra 'ciências' buscou significar a junção de várias disciplinas, supostamente mais científicas, e em consonância com os desafios técnicos e tecnológicos que estavam emergindo.

Recentemente, a designação foi substituída pelo termo Ciência da Informação em alguns espaços acadêmicos, como tratamos adiante.

4 OUTRAS CORRENTES E A DOCUMENTAÇÃO

López Yepes (1995, p.103; 106; 156) entende que o conceito otletiano foi se fragmentando em virtude da polêmica Biblioteconomia *versus* Documentação em suas diversas fases de justaposição, superposição, infraposição ou independência. Afirma que as abordagens documentalistas anglo-saxã, alemã e soviética que surgiram a partir dos anos 1950 e 1960 foram apoiadas por tratadistas continuadores da doutrina de Otlet e objetivaram a superação desta fragmentação para um conceito integrador de perspectiva informativa.

Observamos que movimentos de fragmentação e de superação do conceito otletiano ocorreram, mas a abordagem integradora esperada não se efetivou amplamente e ainda tomou novos contornos. Considerando que a corrente anglo-saxã (mais propriamente, estadunidense) foi a que permaneceu e que predomina, López Yepes apresenta seus desenvolvimentos iniciais e afirma sua relevância, mas não trata das implicações atuais da ampla disseminação desta corrente.

Tratamos a seguir da vertente documentalista das correntes denominadas *Information Science* (estadunidense), *Information-und Dokumentationwissenschaft* (alemã) e *Informatika* (soviética e de países do leste europeu).

4.1 Corrente Estadunidense

A presença do termo Documentação nos Estados Unidos no nome de associações e cursos e na prática profissional e na literatura ocorreu, de fato, nos anos 1950. Hoje, este termo, além de ser pouco utilizado no país, não apresenta a abrangência do uso europeu. Esta corrente, dentre as outras duas apresentadas à frente, é a que menos influências recebeu da Documentação de base otletiana.

A *Special Libraries Association* (SLA) foi criada em 1908, nos Estados Unidos, por John Cotton Dana, que utilizou pela primeira vez o termo Biblioteconomia Especializada, promovendo a separação do grupo constituído na *American Library Association* (ALA) (SHERA; EGAN, 1961, p.32).

Segundo William (1997 *apud* SILVA; RIBEIRO, 2002, p.49), em 1937, Watson Davis criou o *American Documentation Institute* (ADI), grandemente influenciado pelas amplas práticas profissionais documentárias que observou dois anos antes na Europa ao participar do Congresso Internacional de Documentação.

Silva e Ribeiro (2002, p.49) afirmam que, na Década de 1940, o ADI viveu uma fase de inatividade por falta de financiamento e de projetos, o que levou os membros da SLA (portanto, os bibliotecários especializados) a executarem o trabalho que competia àquela entidade. Segundo eles, isto evidencia claramente uma convergência de interesses e perfis. Ressaltamos, de outro modo, a precária significação local sobre Documentação frente ao projeto de institucionalização europeu.

Apenas por volta dos anos 1950, como decorrência do desenvolvimento tecnológico no contexto do pós-Segunda Guerra e com o crescimento exponencial da produção e uso de documentos, em especial os técnico-científicos, uma gama de profissionais esteve envolvida em atividades que caracterizaram efetivamente a presença da Documentação nos Estados Unidos. Este momento também foi marcado pelo rápido desenvolvimento dos sistemas automáticos de armazenamento e recuperação da informação, em especial os de recuperação por assuntos (WILLIAM, 1997 *apud* SILVA; RIBEIRO, 2002, p.49-50).

Desse modo, houve um deslocamento semântico do termo Documentação nos Estados Unidos em dois sentidos. A Biblioteconomia Especializada proposta por Dana em 1908 dividiu espaço com a Documentação trazida da Europa durante seu auge nos anos 1930, o que se deu mais fortemente a partir dos anos 1950, período em que ocorreu o auge deste movimento nos Estados Unidos. Neste período, a prática da Documentação foi realizada de modo a distinguir-se daquela da Biblioteconomia, a qual incluía a Biblioteconomia Especializada pois esta foi grandemente influenciada (e absorvida) pelo forte corporativismo da Biblioteconomia Geral^{iv}. Em seguida, a Documentação passou a ser representada pela área então chamada *Information Retrieval* ou *Information Storage and Retrieval*. A *Information Retrieval* – cuja tradução literal para o português não fornece o mesmo sentido – é entendida como o conjunto de estudos e atividades de armazenamento e recuperação da informação por meio de computadores, e se configura como umas das principais origens da Ciência da Informação nos Estados Unidos nos anos 1960.

4.2 Corrente Soviética

Na União Soviética, surgiu no início dos anos 1960 corrente teórica e prática de extrema relevância por sua cobertura geográfica – sua obra básica *Fundamentos de la Informática* congrega referências a autores dos Estados Unidos, Europa e Europa Oriental – e por sua dimensão teórica, rigor e atualidade.

Os pesquisadores Chernyi, Gilyarevskii e Mikhailov (1973, p.46-53; 55; 57; 71-73), responsáveis pela concepção desta corrente, investiram na busca de denominação alternativa ao termo Documentação, o qual não foi usado por ser considerado específico e polissemântico. Argumentam que um novo termo com um significado bem definido e único seria mais vantajoso que os termos velhos, os quais em geral, são utilizados em diferentes acepções, dificultando sua compreensão e influenciando negativamente sobre o desenvolvimento da própria disciplina científica. Em busca de um termo mais amplo baseado no conceito de informação, afirmam que o termo substituto mais difundido seria *Information Science*. Contudo, entre os termos Informatologia (já adotado por alguns) ou Informática ('informação' mais 'automática'), optaram pelo último termo por conta da forma que vinha prevalecendo para denominar disciplinas científicas como cibernética, biônica, semiótica e cosmonáutica.

Segundo estes autores, o termo Informatika (como adotado em algumas fontes da literatura ocidental) refere-se à disciplina que estuda a estrutura e as propriedades (e não o conteúdo específico) da informação científica, assim como as leis que regem a atividade científico-informativa, sua teoria, história, metodologia e meios ótimos de apresentação (registro), coleta, processamento analítico-sintético, armazenamento, busca e disseminação da informação científica. Relaciona-se com a informação semântica, mas não se ocupa da avaliação qualitativa dessa informação, pois tal avaliação só pode ser realizada por especialistas em campos específicos da ciência ou da atividade prática.

Quanto à relação desta corrente com a Biblioteconomia, os pesquisadores soviéticos apontam para uma distinção entre o serviço de informação científica e o serviço de orientação para a leitura, voltado à formação político-ideológico e cultural do povo soviético. Afirmam que a Biblioteconomia e a Bibliografia ainda adotariam alguns métodos da Informatika, mas o fundamental é que se entendesse a distinção entre suas tarefas básicas.

Traços da Documentação evidenciam-se nesta corrente quanto aos aspectos linguísticos dos métodos e instrumentos documentários, ao uso de tecnologia e ao foco na informação científica. Daí observamos que, apesar da criação de termo específico, o pensamento documentário permeia esta corrente. Para López Yepes (1995, p.33; 226), Mikhailov foi o grande teórico da Documentação e a origem conceitual da Informatika relaciona-se claramente com o movimento de informação científica institucionalizado por Otlet e La Fontaine e com o amplo espectro dos problemas gerais da ciência.

Devido ao vigor pragmático e poderio econômico que possibilitou o predomínio posterior da corrente estadunidense, e após a queda do Muro de Berlim, a corrente soviética perdeu seu ritmo inicial de desenvolvimento (MOREIRO GONZÁLEZ, 1995). Contudo, supomos que a influência soviética permaneça de algum modo nos países de histórico socialista, como no caso da obra em que nos baseamos, publicada em Cuba, em 1973.

4.3 Corrente Alemã

Segundo López Yepes (1995, p.197-214), a abordagem documentalista alemã surgiu no final da Década de 1960, um pouco depois do surgimento da corrente estadunidense, como reação a uma tradução para o alemão do trabalho de Harold Borko. Permaneceram duas correntes na Alemanha: uma anglo-saxã e outra autóctone denominada Ciência da Informação e Documentação (*Information-und Dokumentationwissenschaft*), influenciada pelas doutrinas da antiga União Soviética.

O maior impulsionador da segunda corrente citada é Josef Koblitz, da Universidade de Berlim, onde esta disciplina foi instaurada. A sedimentação desta abordagem ocorreu entre 1969 e 1975, sendo definida como disciplina pertencente à esfera da informação social organizada, com o duplo objetivo de proporcionar informação aos usuários e estudar os métodos de produção, armazenamento, recuperação e disseminação de informação documentária, os quais se configuram como as quatro fases do processo documentário.

Segundo Koblitz, o termo Documentação era insuficiente para designar uma área completa de informação especializada, motivo pelo qual foi acrescentado o

termo Informação, como tratamos adiante.

4.4 Corrente Brasileira

Os princípios documentários em geral e a obra de Otlet são conhecidos no Brasil principalmente em função de a CDU ser adotada em práticas profissionais e compor os conteúdos de ensino de cursos de graduação de Biblioteconomia.

A história da Documentação no Brasil pode ser identificada em ao menos três momentos: no início do Século XX, por envolvimento com o projeto do IIB; a partir dos anos 1940, em movimento que levou à criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD)^v em 1954 até a introdução da corrente estadunidense de Ciência da Informação no Brasil; e a partir dos anos 1980, com o início dos estudos do Grupo Temma, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

Estes três momentos da Documentação no Brasil, por sua vez, podem ser abordados em sua relação com o ensino na área até o início das atividades de pesquisa, do seguinte modo. As influências europeias trazidas ao Brasil pelo curso de formação de profissionais da Biblioteca Nacional em 1911 – momento em que houve grande afinidade com os propósitos do IIB –, logo foram suplantadas pela abordagem pragmática de origem estadunidense dos cursos paulistas desde os anos 1930 (a partir dos quais surgiram muitos dos cursos do país). Somente nos anos 1950 e 1960 insumos europeus retornaram ao país por meio da absorção de algumas técnicas e instrumentos da Documentação – como a CDU e o catálogo sistemático – nos currículos e nas práticas profissionais, provavelmente influenciados pelos cursos de especialização de Documentação Científica promovidos pelo IBBD (CASTRO, 2000; FONSECA, 1969; ODDONE, 2004; 2006). A partir daí as palavras Biblioteconomia e Documentação começaram a ser utilizadas, juntas ou separadas. Nos anos 1970, com a instauração do curso de mestrado do IBBD, e em especial nos anos 1990, quando cursos em nível de doutorado tiveram início, a denominação Ciência da Informação passou a ser mais amplamente adotada, ainda que com certa falta de clareza sobre sua significação e baixa capilaridade entre a comunidade profissional.

Segundo Oddone (2006, p. 52), as atividades exercidas pelo IBBD referiam-se a um domínio híbrido do saber, situado a meio caminho entre Biblioteconomia e Documentação, para o qual ainda não havia uma designação apropriada. Foi neste contexto que o Brasil partiu para o alinhamento dos postulados da Ciência da Informação da corrente estadunidense.

Exceção efetiva à vertente estadunidense é aquela construída pelo Grupo Temma (citado acima), da ECA/USP, a partir dos anos 1980, sobre área então denominada Análise Documentária. Este Grupo, preocupado com a necessidade de cientificação dos processos e instrumentos de organização da informação, buscou inicialmente na Linguística (segundo estudos de Jean-Claude Gardin), e posteriormente na Semiótica, na Lógica, na Comunicação e na Terminologia, os aportes teóricos para o aprofundamento dos processos citados. As pesquisas resultantes deflagram menos uma dimensão global da Documentação que uma perspectiva conceitual (e, como decorrência, histórica) da organização da informação e seu papel na produção e uso do conhecimento registrado. Escolas como a da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), *campus* Marília, têm construído sua produção científica a partir destas reflexões e da literatura europeia, como a espanhola. Os resultados das pesquisas do Grupo Temma são contudo pouco conhecidos no país, assim como os de sua origem, a corrente francesa Ciências da Informação e da Comunicação que tratamos anteriormente.

Em especial no contexto da herança estadunidense, a Documentação é muitas vezes: relacionada às atividades de microfilmagem; entendida como Biblioteconomia Especializada (como se evidencia pelos termos documentação médica, documentação agrícola etc.); ou abordada segundo o tipo de documento tratado (documentação audiovisual, fotográfica, fílmica etc.).

Dias (2000) discorre sobre os termos Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação apontando os usos e desusos do termo Documentação no Brasil, hoje em geral atrelado à Biblioteconomia Especializada nas diversas áreas do conhecimento. Este autor questiona a necessidade de termos próprios – como Documentação e documentalistas – para indicar práticas bibliotecárias de promoção de acesso à informação. Considerando a pertinência desta observação, uma vez

que a dispersão profissional não foi fator de avanço, ressaltamos a necessidade do conhecimento de nossa história, para que novas rupturas não sejam continuamente realizadas.

5 DELIMITAÇÕES DISCIPLINARES EM DOCUMENTAÇÃO

Consideramos que a área configurou-se a partir de práticas posteriormente pensadas profissional e academicamente. Contudo, seu processo de cientificação tem sido efetivado, desde há um século, pela elaboração de abordagens localizadas espacial e temporalmente, as partir das quais ainda não foram realizadas reflexões suficientes.

López Yepes reconhece a dificuldade em elaborar a teoria de uma ciência que procede de atividades sociais já conformadas, e que depois surge no âmbito das ciências informativas, desde sua natureza essencial e sobre articulações interdisciplinares (LÓPEZ YEPES, 1978, p.xxx). Reforça que a disciplina em questão não é um ramo desgarrado de um tronco comum, mas ao contrário, configuração de atividades aparentemente dispersas que, por certas motivações propiciadas pela pesquisa científica, ocasionou a necessidade de reconstrução e modelagem como disciplina científica (LÓPEZ YEPES, 1995, p.319).

A seguir, tratamos da disciplinaridade da Ciência da Informação, apresentando construções interdisciplinares significativamente consolidadas no contexto da Documentação, e problematizando a questão das denominações para a área.

5.1 Construções Interdisciplinares: Linguística Documentária e Informática Documentária

Dentre os autores mais antigos, a optar pelos estudos da linguagem como aporte para as operações documentárias de representação, destacamos John Hutchins em seu artigo *Languages of indexing and classification: a linguistic study of structures and functions* (HUTCHINS, 1975).

Obra posterior é *Concepción lógico-lingüística de la Documentación*, de Sagredo Fernández e Izquierdo Arroyo. Os autores (1983, p.162) afirmam que tanto o conhecimento científico quanto o 'ordinário' (no sentido de conhecimento arraigado na vida cotidiana) são expressos em uma linguagem. A comunicação de ambos os conhecimentos, por meio de documentos, implica em enfrentar uma linguagem.

Estes autores apresentam como componentes definicionais da Documentação (SAGREDO FERNÁNDEZ; IZQUIERDO ARROYO, 1983, p.286-287):

- a) um agente individual – o 'documentador';
- b) um receptor individual – ambas pessoas ou coletividade;
- c) uma mensagem – texto linguístico oral ou canalizado de outro modo, localizado espacialmente em um lugar como biblioteca, arquivo, etc.;
- d) um objeto ou conjunto de objetos devidamente tratados – o(s) documento(s);
- e) uma intenção comunicativa específica por parte do agente que faz chegar ao receptor este objeto ou conjunto de objetos;
- f) uma pressuposição do agente de que estes são os objetos que interessam ao receptor – por ter sinalizado desta forma ou por conclusões sobre o estudo de seu perfil;
- g) um processo moldado por a)-f) que é comunicativo por essência, mas pressupõe ações não comunicativas como busca, denominação, confronto;
- h) uma correspondência específica entre a pressuposição f) e a intenção receptora de b);
- i) a inserção de b) em uma determinada esfera social – coincidente ou não com a);
- j) uma mudança de estado por parte de b), progressivo e a seu favor, com capacidade para passar da carência de uma referência(s) ou de um objeto(s) – ou documento(s) – para a sua posse. A aquisição de uma competência se faz práxis com
- k) o uso ou manuseio apropriado, por parte de b), desta(s) referência(s) e/ou objeto(s).

O processo documentário que envie documentos sem a previsão de seu uso idôneo seria uma ação falida, ou seja, não teria sentido. Segundo os autores, quem tem ou pode localizar documentos e não sabe o que fazer com eles é uma pessoa 'indocumentada' (SAGREDO FERNÁNDEZ; IZQUIERDO ARROYO, 1983, p.287).

García Gutiérrez, ao desenvolver sua tese sobre Linguística Documentária nos anos 1980, discorre sobre Documentação e Linguística, buscando encontrar o lugar teórico da disciplina que propõe. Afirma que a Linguística é tomada com 'aproveitamento pragmático' à Documentação, argumentando que a análise das

tarefas documentárias tem um caráter linguístico, posto que a linguagem do emissor, seu discurso geral e o conjunto dos discursos de um mesmo domínio são produzidos e transmitidos mediante a linguagem. Considera que, se a metodologia Linguística é o principal aporte para a análise dos documentos, os fins apontados não são linguísticos, são documentários (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1990, p.18-19).

Seguindo o mesmo raciocínio relativo à delimitação desta disciplina, admite que há elementos extra-linguísticos a serem considerados, já que a fundamentação da Documentação não se esgota unicamente pelo aporte metodológico da Linguística. Por outro lado, afirma que, sendo a Documentação uma disciplina auxiliar concatenada com outras dentro da Teoria de Sistemas, a dinâmica da pesquisa e da Ciência não escapa à reflexão documentológica. Dessa forma, interessa-nos a afirmação enfática, e ainda atual, de que no empenho de buscar uma epistemologia, uma metalinguagem, uma metodologia e uma teoria, o documentólogo, ainda que necessitando de disciplinas gerais e conexas, não pode converter-se, desgraçadamente, em um erudito da teoria geral do discurso ou de sistemas, da Epistemologia, da Teoria do Conhecimento, da Semiologia, da Lógica ou da própria Linguística (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1990, p.21).

Com base nos estudos de Linguística aplicada à Documentação por Gardin, iniciados nos anos 1960, na sistematização sobre o tema realizada na produção soviética e nas obras de Sagredo Fernández e Izquierdo Arroyo e de García Gutiérrez citadas, podemos evidenciar abordagem linguístico-comunicacional da Documentação.

Ainda quanto à delimitação disciplinar, Moreiro González afirma que:

[...] há uma ciência que se denomina de informação, e isto se dá não por outro motivo que não seja a participação de todos os organismos ou sistemas em sua atividade de transformar dados em informações: o sistema de informação é um conglomerado de pessoas, máquinas e procedimentos que ampliam o potencial humano para adquirir e processar dados [...] A ciência da informação atende ao conhecimento da informação e sua circulação [...] a documentação-ciência da informação tem como função oferecer, regular e encaminhar todo tipo de recursos informativos, para o que os submete a um processo de armazenamento, identificação, transformação, organização, tratamento e recuperação [...] O anterior possibilita que se alcancem mudanças no estado do conhecimento que possuem as pessoas, o que, por sua vez, tem por consequência

a solução de problemas informativos e a tomada de decisões (MOREIRO GONZALEZ, 1998, p.25-26).

Também no campo da Informática Documentária, é possível observar autores que, não apenas reconhecem a identidade da área, como consideram necessário abordá-la para tratar dos aspectos específicos de seu interesse.

Codina (1994, p.447) ao tratar dos sistemas de informação documentária, finaliza com uma proposição e uma discussão.

Proposição:

O objeto de estudo da Documentação é a representação, o armazenamento, a recuperação e a difusão da informação registrada em documentos cognitivos (documento que recolhe um trabalho científico, técnico ou cultural e que – diferente de outros documentos, por exemplo, os documentos administrativos de uma empresa particular –, é suscetível de interessar à humanidade em seu conjunto) (VAN SLYPE, 1988), e seu propósito é produzir sistemas eficientes de informação documentária para por o conhecimento produzido pela humanidade à disposição da humanidade. Em consequência, a Documentação estuda as características e propriedades dos SID [sistemas de informação documentária], assim como os problemas de análise, desenho e implantação dos SID.

Discussão:

A informação é objeto de estudo de muitas disciplinas: a Informática, as Telecomunicações, a Lógica, a Semiótica, a Linguística etc., mas cada uma delas se atém a um aspecto ou manifestação diferente da informação. À Documentação corresponde estudar o aspecto assinalado, que não é objeto de estudo, de fato, de nenhuma outra disciplina. Dito de outra maneira: o estudo da representação, armazenamento, recuperação e difusão dos conhecimentos registrados em documentos requerem a existência de uma disciplina científica específica, chame-se ela Documentação ou X (CODINA, 1994, p.444; 447-448).

Obra emblemática no campo da Informática Documentária foi produzida por André Deweze, no idioma francês, para a qual lhe deu este nome. Nela, percebemos mais uma vez a centralidade dos princípios documentários, a partir dos quais a incorporação dos elementos da tecnologia eletrônica é desenvolvida. Assim, para o autor, a Informática Documentária é o conjunto de aplicações da informática à documentação. Entende que se trata de uma técnica que diz respeito a intervenções da informática nas diversas fases de produção e uso de documentos: produção dos textos (para impressão ou fotocomposição), difusão pelo editor, gestão pela biblioteca, análise e indexação para a constituição de bases de dados bibliográficos e para a difusão seletiva, *softwares* para interrogação destas bases de dados

(DEWEZE, 1994, p.1). Assim como Codina, este autor também contempla especialmente a informação bibliográfica.

É André Chonez quem discorre sobre a história da Informática Documentária na França onde, segundo estudo anterior (ORTEGA, 2002), identificamos a origem desta expressão. Chonez (1993) aponta a antiguidade da intervenção da informática aos processos documentários, em relatos de experiências francesas e estadunidenses nos anos 1950, além de experiências de mecanização da busca bibliográfica nos anos 1930 nos mesmos países. Os editores da revista apresentam o artigo questionando se haveria possibilidade de estudar a história da Ciência da Informação, sem abordar a das técnicas documentárias.

Jacques Chaumier produziu desde os anos 1970 sobre Informática Documentária e Linguística Documentária, ainda que estas expressões não fossem usuais neste período. Em especial, em obra clássica que trata das técnicas documentárias (CHAUMIER, 1971, atualizada em 2003), o autor descreve a constituição da Documentação e sua sedimentação nos anos 1930 na França, além de apresentar, de forma fundamentada, as técnicas e tecnologias relacionadas.

Poderíamos citar outros autores que demonstram a amplitude e a continuidade destes estudos, em especial na Europa e em países de mesma herança idiomática. No Brasil, alguns pesquisadores do Grupo Temma já citado dedicam-se, mais recentemente, à constituição do subcampo Linguística Documentária, procurando operar com um conceito de informação que é prioritariamente ligado às comunidades discursivas por meio da observação de suas terminologias.

Desse modo, retomando a configuração dos países pioneiros no tema, observamos que a Documentação produzida nos Estados Unidos nos anos 1950 acabou por focar-se no processamento mecânico da informação, enquanto obras documentárias de origem europeia e soviética, produzidas a partir dos anos 1960, são mais abrangentes. Autores como Gardin (1962; 1966; 1973), Coyaud (1966), Van Dijk (1964), Chaumier (1971) e os russos Chernyi, Gilyarevskii e Mikhailov (1973) deram início à abordagem sobre as linguagens documentárias em seus fundamentos, apresentando suas características estruturais e funcionais com base em aportes linguísticos, e discorrendo sobre os recursos tecnológicos relacionados.

Já a pesquisa produzida na Inglaterra interessa à medida que deflagra as abordagens europeia e estadunidense, como demonstra obra que trata dos métodos mecânicos para tratamento e recuperação da informação, mas reconhece a unicidade do problema da recuperação frente aos métodos tradicionais como abordagens distintas que começavam a convergir (VICKERY, 1962).

Valeria levantar e avaliar os estudos sobre linguagem realizados em língua inglesa, de modo a verificar como se deu a continuidade do trabalho de Hutchins e como a linguagem é hoje considerada neste contexto enquanto aporte para estudos de organização e recuperação da informação.

5.2 A Questão da Denominação

O advento do termo Ciência da Informação – decorrente da internacionalização da corrente estadunidense representada pela expressão *Information Science* – visou substituir termos então considerados inadequados para a cientifização da área como *Documentation* e *Information Retrieval* (FONDIN, 2005). Para este autor, a *Information Science* é, tautologicamente, a ‘ciência’ da ‘informação’. A partir daí, o interesse de pesquisadores em técnicas de tratamento, armazenamento, busca e difusão de documentos e seus conteúdos segundo a abordagem documentária (a de fornecer informação à...) partiu para uma abordagem mais global sobre informação que acabou por gerar indefinição e ambiguidade.

Na Europa, algumas das transposições terminológicas contaram com expressões na forma plural, como: *Ciências Documentais* (Portugal), *Ciencias de la Documentación* e *Ciencias de la Información* (Espanha) e *Sciences de la Information et de la Documentation* e *Sciences de la Information et de la Communication* (França).

Em tópico intitulado *Singulier ou pluriel* de artigo sobre Ciência da Informação, Estivals (1983 *apud* DESCHAMPS, 2005) afirma que a forma plural *Sciences de la Information et de la Documentation* adotada na França encobre sua própria imprecisão, pois o argumento de que os seus domínios não são muito avançados para que se possa delimitá-los é uma ‘*pirouette*’ que dissimula mal nossa própria ignorância.

Segundo Ribeiro (2005, p.19; 21-22), a expressão *Ciências Documentais*, como usada em Portugal, não tem equivalência literal em outros idiomas europeus, mas aproxima-se do termo francês *Documentation* e do espanhol *Ciencias de la Documentación*. Refere-se à junção de várias disciplinas, presumivelmente científicas, num mesmo modelo formativo e mais em consonância com os desafios técnicos e tecnológicos da emergente Sociedade da Informação. Atualmente, alguns cursos adotaram o nome Ciência da Informação. A adoção da forma singular significou a afirmação de uma área científica com identidade e unidade do ponto de vista epistemológico. Dessa forma, a Ciência da Informação, no singular, é entendida como área científica que engloba componentes aplicados centrados sobre o objeto 'informação', contextualizado em sistemas, serviços e ambientes orgânicos diversos e plurais.

Fondin (2005) afirma que esta questão não interessa aos anglo-saxões, os quais reconhecem a *Information Science* (forma singular) em sua autonomia disciplinar. Nos Estados Unidos, pesquisadores de Jornalismo atuam na Ciência da Comunicação e os de Informática na Ciência da Computação.

Dado o provável uso inicial da expressão 'informação e documentação', por Otlet, em 1905, supomos que desde então várias expressões compostas foram e são utilizadas pela área, levando a dificuldades de construção identitária, como: Bibliografia e Documentação, Informação e Documentação, Biblioteconomia e Documentação, Ciência da Informação e Documentação, Biblioteconomia e Ciência da Informação, Biblioteconomia e Gestão da Informação.

Ribeiro (2005, p.22) questiona a expressão 'informação e documentação' como explicitação conceitual de uma área, já que a segunda parte da expressão só pode existir como diferença específica da primeira e não como algo distinto e diverso.

Outros autores como Meyriat e López Yepes também questionam a fragilidade destas expressões.

Meyriat (1993) aponta as palavras 'informação' e 'documentação', pela primeira vez empregadas conjuntamente por Otlet, como meio de precisar e reforçar uma à outra. Afirma que a polissemia que ganhou o termo adotado por ele foi produtiva, uma vez bem implantado em especial em francês, mas foi também a fonte

de ambiguidades que levou a sua substituição em alguns contextos e países depois de seu apogeu dos anos 1950.

López Yepes (1995, p.211) discute a questão ao tratar da corrente alemã, explicando a noção de 'documentação' como aquela que contempla a fase de produção, ou seja, de processamento analítico-sintético da documentação, o que supõe a extração da informação contida nos documentos, e a de 'informação' como o processo efetivamente 'informativo' de armazenamento, recuperação e transmissão da informação. Argumenta que a Documentação, no entanto, representa um papel mais determinante que complementar, pois estuda apenas o processo que permite levar a informação adequada aos usuários, e não a natureza da informação. Para López Yepes, esta ciência do domínio da 'informação documentária' tem como objeto processos 'informativo-documentários', a partir do que propõe a denominação 'Ciência da informação documentária'.

Segundo entendemos, tendo como base uma abordagem sistêmica, não seria coerente que uma fase do processo (organização da informação) fosse de natureza distinta da fase que lhe segue (armazenamento, recuperação e disseminação da informação), pois isto comprometeria a própria ideia de organicidade do sistema e, por decorrência, sua funcionalidade.

López Yepes (1995, p.313) informa que o nome Documentação (em oposição a Documentação e Informação) ganhou força na Espanha com a criação de Licenciatura própria em 1992 (supostamente na *Universidad Complutense de Madrid-UCM*, afiliação institucional deste pesquisador) e, internacionalmente, vem se revelando como válida uma vez aceita sua conotação informativa.

Desse modo, no artigo *Documentation redux: prolegomenon to (another) philosophy of information*, Frohmann (2004, p.405-406) afirma que as práticas documentárias são as primeiras práticas em informação e que os estudos contemporâneos devem muito ao movimento documentalista do final do Século XIX e início do Século XX, apontando para a importância de recuperar e repensar a preocupação das práticas documentárias dos primeiros documentalistas. Para Frohmann, é urgente estudar práticas documentárias antigas, medievais e modernas tanto quanto as práticas com documentos eletrônicos. Segundo ele, uma vez considerados os conceitos das práticas documentárias, a forma digital dos

documentos contemporâneos não cria imperativos filosóficos especiais, afirmando contrapor-se a autores como Capurro, Floridi e Elred que acreditam que uma filosofia da informação é urgente na era digital.

Considerando a vulnerabilidade da opção por uma prática científica apoiada essencialmente em inovações tecnológicas, Frohmann demonstra a necessidade de apoio histórico-conceitual para a análise consistente de fenômenos de uma área em qualquer tempo. A prática científica, quando baseada na exploração rigorosa dos conceitos, sustenta a qualidade da pesquisa e promove maior consolidação terminológica, evitando a adoção de denominações baseada em modismos e justificada como alternativas a outras, embora estas apontem muitas vezes para concepções estereotipadas.

Segundo tratamos em Ortega e Lara (2009), em análise terminológica de textos sobre o uso do termo 'documento', "[...] a reiteração das afirmações sobre o documento como instância física e informativa corrobora o caráter pragmático da noção de documento". A denominação 'Documentação' é, desse modo, decorrente da pertinência de 'documento', termo caro à área, que vem sendo retomado mais amplamente uma vez contemplar noção de informação com que opera.

CONCLUSÕES

Ainda que a proposta otletiana implicasse em colaboração e não em dispersão de suas atividades, assim como em fundamentos teóricos comuns e não em áreas distintas ou concorrentes, a Documentação não pode ser entendida sem a exploração da construção de sua relação controversa com a Biblioteconomia. Muitas passagens da história estadunidense e europeia apresentada apontam para esta relação que se deu inicialmente quando foi enunciada a necessidade de novos procedimentos que atendessem às demandas de acesso à informação, cuja produção passou a crescer e a se diversificar sistematicamente. A Documentação foi proposta na Bélgica, mas sedimentada na França, como processo geral para disponibilizar o conteúdo dos diversos documentos, que as atividades de gestão de acervos efetivadas então pela Biblioteconomia contribuíam para realizar. Contudo, desenvolveu-se com foco na informação bibliográfica técnico-científica, deixando a

parte e com outro grupo a atenção para as atividades de promoção da leitura. A Documentação manifestou-se décadas depois nos Estados Unidos onde foi rapidamente substituída pela Biblioteconomia Especializada e, em seguida, pela área conhecida como *Information Retrieval*. Daí, surgiu a corrente dominante da Ciência da Informação. Estas distinções demonstram as particularidades desta área do conhecimento e profissões relacionadas nestes dois países de influência.

A Documentação, marcadamente europeia, foi esquecida entre os anos 1930 e 1950, enquanto a corrente estadunidense da Ciência da Informação, surgida nos anos 1960, tem presença em praticamente todo o mundo. O apagamento da Documentação nestes 20 anos é tema ainda por ser explorado já que, embora tenha perdido a abrangência da proposta inicial, em muitas correntes europeias preservou substancialmente a capacidade de sustentar teórica e metodologicamente o trato com a informação bibliográfica, arquivística e museológica, sob a denominação genérica de 'processos documentários'.

Os resultados desta pesquisa evidenciam a forte herança da Documentação na França, Espanha e Portugal, assim como, posteriormente, em algumas linhas de pesquisa brasileiras, demonstrando sua significativa consolidação desde o início do Século XX.

Os avanços dos processos de organização e recuperação da informação propostos pela Linguística Documentária e pela Informática Documentária apresentam-se como articulações interdisciplinares significativamente consolidadas. A ausência da recuperação destes referenciais colabora para a crescente segmentação de conhecimentos e habilidades.

Os princípios e métodos documentários apresentam abstração que subsidia a elaboração de serviços de informação em diversos contextos da sociedade atual. Nos estudos citados, é possível identificar seu objeto empírico – processos documentários que têm o fim da promoção do acesso e uso da informação –, a despeito das ambiguidades causadas por suas diversas denominações.

Sendo provavelmente uma das primeiras generalizações realizadas neste âmbito, abordamos a Documentação como corrente que contribui para a consolidação epistemológica da Ciência da Informação. A validade desta corrente evidencia-se por sua potencialidade para superar as abordagens restritivas

atribuídas à Biblioteconomia e os contínuos e circulares embates sobre o objeto da Ciência da Informação.

Frente às ações visando ampliação e atualização da área, observamos certo deslocamento na direção contrária à da construção de um projeto de caráter científico. Considerado por alguns, como avanço acadêmico e abertura de mercado, este deslocamento realiza-se por meio da justaposição arbitrária de conceitos de diversas áreas, decorrendo em: menosprezo às técnicas em seus aspectos fundamentais ou operatórios; terminologias difusas tanto da área como um todo quanto de suas partes; e abordagem sobre o objeto 'informação' como passível de ser explorado – sem implicações – sob o ponto de vista de cada uma das áreas envolvidas.

A 'reinvenção da roda', identificada na literatura, deflagra caminhos já traçados e descartados sendo percorridos de novos modos, a despeito do estado da arte da área. Estes investimentos são de fato velhos problemas revestidos de novas roupagens, que passam a exigir esforços de pesquisa exclusivamente para sua reformulação. Uma vez reconhecendo a existência de antiga e relevante literatura sobre as preocupações da Ciência da Informação, faz-se necessário ampliar a elaboração de revisões sistemáticas, como um dos modos de orientar e fundamentar a pesquisa, incluindo aquela denominada interdisciplinar.

O estudo permite constatar que a celeuma que envolve a questão da identidade da Ciência da Informação não se manifesta de forma relevante na literatura e nas práticas profissionais pautadas na Documentação, a qual tem apresentado, simultaneamente, foco e densidade no decorrer do tempo. A história da Documentação permite questionar os discursos sobre a ausência de consensos em Ciência da Informação e sobre a frágil nuclearidade decorrente de sua dimensão técnica e da suposta fluidez intrínseca aos seus limites e áreas fronteiriças.

Conclui que os princípios documentários configuram-se como parte basilar dos fundamentos da Ciência da Informação e são emblemáticos de sua unidade identitária.

REFERÊNCIAS

ARNAU RIVED, P.; SAGREDO FERNÁNDEZ, F. Ante la traducción del libro de W. B. Rayward. **Documentación de las Ciencias de la Información**, v.16, p.107-113, 1993.

BRADFORD, S. C. **Documentation**. London: Crosley Lockwood, 1951.

BRIET, S. **¿Qué es la documentación?** Santa Fe, Argentina: Universidad Nacional del Litoral, Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales, Departamento de Extensión Universitaria, 1960. 59p. (Cuaderno, 2)

BRIET, S. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: Édit, 1951. 48p. Disponível em: < <http://martinetl.free.fr/suzannebriet/questcequeladocumentation/briet.pdf/>>. Acesso em: 11 nov. 2009.

BRIET, S. **What is documentation?** Lanham: Scarecrow, 2006. 72p.

BUCKLAND, M. Documentation, Information Science and Library Science in the USA. **Information Processing & Management**, v.32, n.1, p.63-76, 1996.

BUCKLAND, M. Le centenaire de "Madame Documentation": Suzanne Briet, 1894-1989. **Documentaliste-Sciences de l'Information**, v.32, n.3, p.179-181, 1995.

CASTRO, C. A. **História da Biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica**. Brasília: Thesaurus, 2000. 288p.

CHAUMIER, J. **Les techniques documentaires au fil de l'histoire: 1950-2000**. Paris: ADBS Éditions, 2003. 175p. (Sciences de l'information. Série Études et Techniques)

CHAUMIER, J. **Les techniques documentaires**. Paris: Presses Universitaires de France, 1971. 126p. (Que sais-je?, 1419)

CHERNYI, A. I. ; GILYAREVSKII, R. S. ; MIKHAILOV, A. I. **Fundamentos de la informática**. La Habana: IDICT/Academia de Ciencias de Cuba, 1973. 2v.

CHONEZ, A. Pour une histoire de l'informatique documentaire en France. **Documentaliste-Sciences de l'Information**, v.30, n.4-5, p.248-253, 1993.

CODINA, L. Modelo conceptual de un sistema de información documental. **Revista Española de Documentación Científica**, v.17, n.4, p.440-449, 1994.

COUZINET, V.; RÉGIMBEAU, G.; COURBIÈRES, C. Sur le document: notion, travaux et propositions. In: COUZINET, V.; RAUZIER, J.-M. (Col.). **Jean Meyriat, théoricien et praticien de l'information-documentation**. Paris: ADBS Éditions, 2001. p.467-506.

COUZINET, V. Olhar crítico sobre as Ciências da Informação na França. In: WORKSHOP EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11-12 nov. 2004, Niterói. **Anais...** Niterói: ANCIB; UFF, 2004. 191p.

COYAUD, M. **Introduction à l'étude des langages documentaires**. Paris: Klincksieck, 1966.

CURRÁS, E. **Las ciencias de la documentación: bibliotecología, archivología, documentación e información**. Barcelona: Mitre, 1982.

DESCHAMPS, J. Pourquoi uma revista suisse de science de l'information? **RESSI: Revue Electronique Suisse de Science de l'Information**, n.1, 2005.

DEWEZE, A. **Informatique documentaire**. 4.ed. Paris: Masson, 1994. 292p. (Manuels informatiques Masson)

DIAS, E. W. Biblioteconomia e Ciência da Informação: natureza e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.5, n.esp., p.67-80, 2000.

FAYET-SCRIBE, S. **Histoire de la documentation en France: culture, science et technologie de l'information, 1895-1937**. Paris: CNRS Editions, 2001. (CNRS Histoire)

FONDIN, H. La science de l'information ou le poids de l'histoire. **Les enjeux de l'information et de la communication**, Grenoble, 2005. Disponível em: <http://w3.u-grenoble3.fr/les_enjeux/2005/Fondin/home.html>. Acesso em: 11 nov. 2009.

FONSECA, E. N. da. Prefácio da edição brasileira. In: SHERA, J. H.; EGAN, M. E. **Catálogo sistemático: princípios básicos e utilização**. p.ix-x Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1969. (Biblioteconomia e Documentação, 1)

FROHMANN, B. Documentation redux: prolegomenon to (another) philosophy of information. **Library Trends**, v.52, n.3, 2004.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. **Estructura lingüística de la documentación, teoría y método**. Murcia: Universidad, Secretariado de Publicaciones, 1990. 166p.

GARDIN, J.-C. Document analysis and linguistic theory. **Journal of Documentation**, v.29, p.2, p.137-168, 1973.

GARDIN, J.-C. Elements d'un modele pour la description des lexiques documentaires. **Bulletin des Bibliothèques de France**, n.5, p.171-182, 1966.

GARDIN, J.-C. **Le syntaxe dans les langages documentaires**. Blaricum, Hollande: IBM Education Center, 1962.

HUTCHINS, W. J. **Languages of indexing and classification**: a linguistic study of structures and functions. Herts: Peter Peregrinus, 1975. 148p. (Library and Information Studies, 3)

LÓPEZ YEPES, J. **La Documentación como disciplina**: teoría e historia. 2.ed. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra (EUNSA), 1995. 337p.

LÓPEZ YEPES, J. **Teoría de la Documentación**. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra (EUNSA), 1978. 337p.

LÓPEZ-CÓZAR, E. D. **La investigación en biblioteconomía y documentación**. Gijón: Trea, 2002. (Biblioteconomía y Administración Cultural, 61)

MEYRIAT, J. Un siècle de documentation: la chose et le mot. **Documentaliste-Sciences de l'Information**, v.30, n.4-5, p.192-198, 1993.

MOREIRO GONZÁLEZ, J. A. **Introducción al estudio de la información y la documentación**. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 1998. (Colección Medios y Mensajes)

MOREIRO GONZÁLEZ, J. A. Qué fue del concepto soviético "Informatika"? **Documentación de las Ciencias de la Información**, Madrid, n.18, p.173-182, 1995.

ODDONE, N. **Ciência da Informação em perspectiva histórica**: Lydia de Queiroz Sambaquy e o aporte da Documentação (Brasil, 1930-1970). Tese (Doutorado) – IBICT/UFRJ, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2004.

ODDONE, N. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v.35, n.1, p.45-56, 2006.

ORTEGA, C. D.; LARA, M. L. G. de. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. In: CONGRESO ISKO-ESPAÑA, 9., 2009, Valencia. **Actas del congreso...** Valencia: Universitat Politècnica de Valencia, 2009. p.306-326

ORTEGA, C. D. **Informática documentária**: estado da arte. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2002.

ORTEGA, C. D. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v.5, n.5, p.3, 2004. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out04/F_I_art.htm>. Acesso em: 11 nov. 2009.

OTLET, P. **Documentos e Documentação**. Paris, 1937. (Tradução por Hagar Espanha Gomes). Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bitit/otlet/index.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2009.

OTLET, P. **El Tratado de Documentación: el libro sobre el libro: teoría y práctica**. (Tradução por Maria Dolores Ayuso García). Murcia: Universidad de Murcia, 1996. (Tradução de: *Traité de Documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique*. Bruxelles: Mundaneum, 1934. 431p.) Disponível em: <http://lib.ugent.be/fulltxt/handle/1854/5612/Traite_de_documentation_ocr.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2009.

OTLET, P. **Traité de Documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique**. Bruxelles: Mundaneum, 1934. 431p.

OTLET, P. **Traité de Documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique**. Liège: Centre de Lecture Publique et la Communauté Française de Belgique: Ed. Mundaneum-Palais Mondial, 1989.

RAYWARD, W. B. The UDC and FID: a historical perspective. **The Library Quarterly**, n.37, p.259-278, 1967.

RAYWARD, W. B. **The universe of information**. The work of Paul Otlet for Documentation and International Organization. Moscow: VINITI, 1975.

RIBEIRO, F. Desfazer equívocos: Ciência ou Ciências da Informação? **Newsletter "A Informação"**, n.1, p.19-22, 2005. Disponível em: <<http://www.a-informacao.blogspot.com>>. Acesso em: 11 nov. 2009.

SAGREDO FERNÁNDEZ, F.; IZQUIERDO ARROYO, J. M. **Concepción lógico-lingüística de la Documentación**. Madrid: IBERCOM, 1983. 440p.

SHERA, J. H.; EGAN, M. E. Exame do estado atual da biblioteconomia e documentação. In: BRADFORD, S. C. **Documentação**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. 292p.; 15-61 (Biblioteca Fundo Universal de Cultura: Estante de Documentação)

SHERA, J. H. **Documentation and the organization of knowledge**. London: Crosley Lockwood, 1966.

SILVA, A. M. da; RIBEIRO, F. **Das "Ciências" Documentais à Ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular**. Porto: Afrontamento, 2002. 174p.

VAN DIJK, M. **Enregistrement et recherche de l'information documentaire**. Bruxelas: Presses Universitaires, 1964.

VICKERY, B. C. **Classification and indexing in science**. London: Butterworths, 1959.

VICKERY, B. C. **Techniques modernes de Documentation**: analyse des systèmes de recherche de documents. Paris: Dunod, 1962.

WOLEDGE, G. Bibliography and Documentation: words and ideas. **Journal of Documentation**, v.39, n.4, p.266-279, 1983.

ⁱ Tratamos do percurso histórico de criação e uso dos termos Biblioteconomia e Documentação em Ortega (2004).

ⁱⁱ Segundo Meyriat (1993, p.192), a maleabilidade semântica da palavra 'documentação' evidencia-se no Tratado de Documentação, uma vez que Otlet oscila entre uma assimilação do termo 'bibliologia', definido como ciência do livro, e a noção "[...] de uma disciplina enciclopédica que englobaria a biblioteconomia, a bibliografia, a arquivística, a museologia [...]".

ⁱⁱⁱ O IIB teve seu nome alterado para Instituto Internacional de Documentação (IID), em 1931, e para Federação Internacional de Documentação (FID), em 1937. A partir de 1986, recebeu a denominação Federação Internacional de Informação e Documentação, mantendo a sigla original. A FID foi dissolvida em 2002. Disponível em: <<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/fidhist.html>>. Acesso em: 11 nov. 2009.

^{iv} Segundo William (1997 *apud* SILVA; RIBEIRO, 2002, p.50), na Década de 1950, os documentalistas dos Estados Unidos buscaram distinguir-se dos bibliotecários, inclusive dos bibliotecários especializados: para este autor, neste período, os documentalistas tornaram-se idênticos aos bibliotecários especializados da fase inicial e estes se assemelharam aos bibliotecários generalistas.

^v O IBBD foi transformado no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), em 1976.

Cristina Dotta Ortega

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Escola de Ciência da Informação (ECI)

Av. Presidente Antônio Carlos, 6627

Pampulha

31.270-901 – Belo Horizonte – MG – Brasil

Tel.: (31) 3409-5225

Fax: (31) 3409-5200

E-Mail: ortega@eci.ufmg.br